

acoutaci3ns



NÃO SEMELHA DOADO FUGIR DOS CAMPOS DE EXTERMÍNIO DO SISTEMA

Cruz Martínez

«Não se nasce mulher, chega-se a sê-lo»¹

Le deuxième sexe

SIMONE DE BEAUVOIR

Estamos a mediados de junho, numa dessas noites excessivamente abafantes, a janela está aberta, mas o calor não diminui. Condensa-se, rebe nas paredes e apega-se à pele como se fosse o vexatório versículo dum torturador: ameaçador, obsessivo, pernicioso. Assim que, neste ponto, imersa no afogo da habitação e ante a impossibilidade de conciliar

¹ De Beauvoir, S.: *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1949. *O segundo sexo* (tradução ao galego de Marga Rodríguez Marcuño). Vigo: Xerais, 2008.

o sono, percorro com a mente aqueles acontecimentos drásticos que estão a conseguir que habilitemos as ruas com a rabia e a impotência cingidas à cintura.

O meu olhar por um momento detém-se no pelame escuro da michinha. A gatinha está aborrecida, abre imensamente a boca e espreguiça o seu pequeno corpo acima do sofá azul. Só foi um instante, um lapso. Case de imediato, a minha cabeça retorna à meditação previa que me abstraía. E as consignas abrem trajetos a través das imagens expostas nas avenidas lila e os itinerários apertados marcam as pautas da desobediência, criam lemas discordantes, capazes de demolir todos os diques, todos os clichés. Pois já não queremos seguir vivendo à sombra de... nem servas, nem submissas.

Não, já não sou a boneca que aguarda dançando baixo o teu olhar com tacões de agulha, *in off. Baby*, sou a mulher que te ama lasciva, que está ao teu nível e toma a iniciativa. Deixa de olhar-me desde arriba pois estou a teu carão, à par de ti. Fala-me devagarinho, molha-me o ouvido com os teus beijos de amante dedicado e juntos ficaremos prendidos na eletricidade do orgasmo. Encadeados, só na liberdade do abraço.

Verdadeiramente, estamos a viver tempos muito duros, perturbadores. Não há dúvida de que os efeitos desta realidade estão a ser cruéis. Este facto o observamos a diário, sobre todo na impiedosa destruição da política social, que está a sofrer um enorme retrocesso. Neste marco de desamparo o nosso grupo segue a ser um dos mais prejudicados e por cima dele persiste o maior risco de exclusão.

Moramos numa sociedade aparentemente justa, mas surpreendentemente a diferença continua a ser um rol negativo e de menoscabo, assim que, a conclusão não pode ser outra. É preciso mudar muitas condutas já que na comunidade da desigualdade, o machismo tem o cetro do poder sinalando-nos o lombo e flagela-nos, portanto não é doado viver na urbe fria, na que se nos anexa ao confinamento da inferioridade.

Quando nascemos, vimos com o disco duro baleiro, maleável, coma um computador novo ao que há que incluir programas e adapta-lo para que funcione perfeitamente. A exceção das diferenças biológicas, somos iguais, mas desde o principio da vida, inculcam-nos umas normas bem diferenciadas. Dividem-nos em género, e isto suscita que ainda hoje as mulheres tenha-mos que suportar uma continuada situação de subordinação, algo que sucede em todos os estamentos sociais. Ficamos condenadas a uma estereotipia que nos marca e margina.

Tendo em conta todas as razões pelas que nos excetuam ou dificultam a presença no equilíbrio, e reparando no cariz que estão a tomar os acontecimentos, não resulta fácil adotar uma posição otimista e seguir caminhando, pois as cicatrizes ficam como manifesto evidente do acontecido. Realmente, esta é a era das imposições: a monarquia, a religião, os recortes... e são muito resenháveis as posições de servidume da nossa coletividade no mundo laboral. Pois, fundamentalmente, seguimos a ocupar sectores inferiores, essencialmente femininos. Ainda que muitas congêneres possuam a mesma formação que um homem, geralmente o seu salário é mais baixo e, se quer optar a um posto de poder, vê-se na obrigação de demonstrar muito mais a sua valia. As suas aptitudes são olhadas com lupa.

Para uma grande parte da entidade rância, segue havendo o convencimento de que ser mulher implica ser mãe e esposa. E o seu futuro parece limita-se a ter filhos. Os antigos preconceitos estão totalmente vigentes e não só entre o género masculino, também no feminino, há pessoas que seguem a ter bem apegadas as retrógradas ensinanças dos seus antepassados,

nas que as diferenças entre géneros são tão evidentes. Há mulheres que consideram que estão no mundo unicamente por uma função procriadora. Algo que pessoalmente não estou em contra, pois cada mulher deve ter a liberdade de eleger o papel que melhor a represente, mas devem saber que o seu pensamento não tem porque ser compartilhado por todas as *fêmeas*. De nenhum jeito se deve estereotipar, nem criar cânones idênticos de comportamento. Pois existem diferentes realidades e pareceres que é necessário respeitar.

Também segue a ser muito estendida a ideia de que se és mulher de mediana idade e falas galego, significa que vens do médio rural e que não sabes expressar-te doutro jeito. Ou seja, que pertences a um grupo bem definido: aldeã, pobre e ignorante. Não obstante, se falamos dum homem com as mesmas características, neste caso, poderia ser nacionalista. Pelo que, existe uma diferença muito clara de delimitação. Com tudo, na mulher não cabem outras apreciações. Para nada se pensa que seja por uma decisão pessoal. Semelha que pertencer a este coletivo inclui um símil do rol no código de barras: de nena jogar com bonecas e de maior, ser mãe e esposa. Que deve estar sempre fermosa para namorar, ser doce e delicada.

Os tempos não mudaram demasiado, por muito que se pretenda fazer crer o contrario. O ser humano persiste em cometer os mesmos erros. Na realidade as situações seguem a ser as mesmas, continuamos rolando na crescente patologia da igreja. No crucigrama de coincidências, só mudam os nomes e as datas.

Claro que, numa sociedade coma esta na que nos incham a hóstias todos os dias e temos que sorrir coma se nos agasalhassem o obsequio mais prezado. Na que, se o sistema nos incita ao suicídio, temos que ficar cadáveres belos, para não estropear a paisagem estupenda dum país perfeito. No que a felicidade transita pelos acessos imaginários do *prêt-à-porter*.

Os serviços sociais são trocados por programas de televisão adequados, onde se procura tocar-nos o coração, e assim, fazer possível, como melhor opção, a de ajudar-nos mutuamente. Que está bem o de apoiar-nos, mas, a minha reflexão é que se nós mesmos cumprimos essa função, então para que precisamos do governo. Quiçá poderíamos prescindir destas e outras instituições e instaurar um sistema económico autárquico capaz de atingir a autossuficiência, a autogestão.

Neste espaço e agora, no recinto surrealista que habitamos, a hora do ângelus semelha um congresso ao que lhe pregamos que nos ofereçam aos santos mais meritórios e à virgem do Rocio, e assim, comemos. Já não precisamos mais, somos um povo de extensas farturas e riquezas.

Ocupamos os primeiros postos do ranking, de países tocados pela beneficência dos milagres. As crises passam pelas bênçãos de auga bendita, procissões com os geolhos ensanguentados e ladainhas, e se a tua fé é forte, amanhã talvez a situação melhore. Mas até esse instante sonhado, a pobreza, passa a ser uma imagem censurada neste reino da bonança. Aqui não nos despejam, não, mudam-nos à propriedade imensa «baixo duma ponte». Não nos matam, não, somos refugiados duma sanidade pública desmantelada e derivam-nos ao privado, onde ficas mumificada na lista de espera do assombro. Não nos roubam, não, administram o nosso dinheiro, porque somos ilusos e precisamos da sua assessoria financeira.

Lamentavelmente, os dias espertam avermelhados, afundidos no oceano acrescentado de bágoas incontroláveis. Lapidados baixo unha sentença de interinidade. E só a ironia é o antídoto capaz de neutralizar o decaimento.

Ao tempo que, a desigualdade faz-se mais palpável, medra a atitude genocida, e especialmente cara à nossa comunidade. Ainda que existe uma lei, que supostamente nos ampara, às vezes aparecem casos nos que se evidencia a carência das mesmas. Por exemplo: no caso em que um guarda civil gravou entre risas a agressão a uma mulher e foi indultado. Isto demonstra que não somos iguais ante a lei, ainda que se diga o contrário. Pois estamos regidos por uma jurisprudência extremadamente retrógrada e iníqua, que deliberadamente esquece as mulheres. Os restos do escravismo feminino permanece tão vigente na atualidade, que este feito mete medo. Certo livro conta-nos que somos possessão de alguém, que nascemos a partir da sua costela e que é necessário «sacrificar-nos, porque o amor é sacrifício». Seica o nosso sexo lhe pertence a vários proxenetas, e eles legislam a nossa atividade sexual, com a única finalidade da procriação. Os orgasmos são inexistentes. Proibido sentir prazer. Unicamente máquinas de parir filhos. Não somos quem de poder decidir, negamos esse direito. Somos corpos tutelados pelo Estado. Esta é a triste realidade, um congresso elabora leis que favorece a implantação da manipulação, o controle. Numas ocasiões de jeito camuflado e outras de forma descarada, sem agachar-se.

Todos os direitos que se foram conseguindo com tanto esforço, agora no-los arrebatam dum jeito acelerado, mas nós não baixamos a cabeça nem para meditar. Não podemos permitir-nos esse luxo, pois o inimigo das liberdades anda à espreita, na procura duma debilidade. Para pôr-nos no caníço, assovalhar-nos. Devemos estar alerta. Somos um coletivo duramente castigado em todas as épocas pelo chauvinismo e sempre estivemos envolvidas numa luta contínua. Relegadas a seres de segunda, assentadas no território hostil que nos interna na oligarquia do colonizador.

Resulta óbvio pensar que ante as inúmeras injustiças que se estão a cometer connosco, não semelha doado fugir dos campos de extermínio do sistema. Pois têm-nos isoladas numa fileira, nos tramos esquecidos das irredentas. Nós, as de nenhures, as autárquicas, aquelas que lhes tentamos foder as decisões autocratas da autoridade.

Os senhores do poder pretendem necrosar-nos, enviar-nos às origens do seu paraíso, à culpabilidade anexa ao nosso género. Querem invisibilizar-nos obrigando-nos a aceitar vínculos inexistentes, mandamentos e a obediência dos interesses.

Seguem a bater-nos com as mentiras e evasivas de sempre. Eles entendem muito de agachar a cabeça coma os avestruzes. São mestres na arte de virar as costas ao povo. Intensificam as atividades lúdicas para agachar a crua realidade da situação que nos apreixa. E nós quiçá poderíamos intensificar as nossas leituras diárias de novas lesivas, capazes de atormentar-nos mais a vida. E logo fazer-nos adeptas de autoproclamados gurus e unir-nos à nova formação de clarividentes. Mas, os seus argumentos têm problemas de sustentabilidade e não podem evitar que nos fixemos na sobressalente coxeira, na intuída debilidade que se assoma a través dos seus mandamentos.

As extensas feridas que cobrem o nosso corpo, forma-nos um abrupto mapa pendurado das costas. Temos que aprender a subsistir no interior desta circunscrição adversa.

Lemos os jornais ou escutamos as noticias nos médios e de novo o presentimento de ataque adquire a acre transparência da certeza, presenciámos atónitas a manobra acaçapada do senhor ministro,² que aguardou falaz para assestar-nos a cutilada trapeira nos nossos ventres. E nós, já ficamos fartas de sermos possuídas pela mafia das igrejas e os Estados.

Pois não somos as protagonistas dum romântico romance trasnoitado, que remata com a implantação das flores nas jarras da sua sala de estar. Certamente, esses indivíduos são os reis do dissímulo. Percebemo-lo sim, pretendem acantoar-nos, devalar-nos à condição exânime dum objeto. Têm capacidade para a falacia, e aguardam golear-nos com os seus anteprojetos reacionários. A furto, igual que o raposo. Eles espreitam o momento adequado para fazer-nos descender ainda mais ao período do franquismo.

Nesta situação de assédio é preciso espertar, estar alerta, pois voam sobre as nossas cabeças informes das que não conseguiram sobreviver. E é também pertinente mencionar que ainda hoje, e nesta mesma parte do mundo, fazem desfilar raparigas nas passarelas do exibicionismo. As postas de largo, apresentações em sociedade de moças novas. E os governos em vez de erradicar este jeito de escravidão, que se camuflam entre as luzes festeiras da hipocrisia e alto *standing*, viram as costas e a imprensa faz-se eco, coma se a nova das escravas fosse «o mais *cult*», encham as páginas dos jornais râncias e aparecem preservadas enganosamente como tradições. Resulta alucinante que haja estamentos sociais, presumivelmente instruídos, que garantam a continuidade deste tipo de atos denigrativos para a mulher, considerando-os como algo *chic*. Para esta burguesia aceda, pôr no mercado e amossar nos escaparates unhas raparigas, igual que éguas na feira à procura do melhor comprador, é uma tradição. Isto sucede, entrementes o povo vive a tremenda lacra da violência de género. Estas organizações machistas persistem em amossa-las como senhoritas de companhia, meros objetos de contemplação e uso. Insistem nos status da escravidão e da submissão: ser propriedade, senhora de, reses privadas de liberdade, pedaços de carne à venda.

Penso que talvez, não haja outra saída que afrontar os ataques, criar uns esquadrões de defesa, concordar com o pensamento de Francisco Sampedro em *A violencia excedente* (2. a violencia necesaria):³

«...Existe unha violencia «fundamental», «básica», presente en calquera humano, debedora do instinto de vida, ou, en última instancia, mesmo do de supervivencia...»

«... a función desta violencia é, pois, preservadora do eu, e está ao servizo da conservación, non tendo pois como finalidade a morte, senón a vida. E, como é óbvio, dentro desa violencia fundamental –e diremos tamén que fundamentada– é preciso reiterar o seu obxectivo defensivo.»

«Absterse da violencia fronte aos violentos é facerse o seu cómplice.»

Certamente, levamos muitos anos no status de periferia, e os olhos viram-se estrábicos de tanto mirar cara o centro dos seus embigos. Internam-se as facas nas nossas coxas, e ainda assim, não desistimos, saímos à rua com a afouteza dumas guerreiras que foram rep-tadas a um duelo.

Marcaram-nos sempre um caminho, um ideal a seguir. Todo o que se afaste do protótipo, do cânone, queda fora da manada, não se acredita a autenticidade e passa a ser uma proscrita. Habitante autista que deambula pola cidade escura. Para a comunidade da impos-tura não existe diversidade, liberdade nem tolerância.

² Alberto Ruiz Gallardón, ministro de justiça espanhol, autor do anteprojeto de lei de proteção do concebido e direitos da grávida. Demitiu graças à pressão social e sobre todo do feminismo o 23/09/2014.

³ SAMPEDRO, F.: *A violencia excedente*. Edicións Laiovento: Ames, 2006.

É um diapositivo em branco e negro. Não coexistem outros trajetos nem outras cores. Absurdos cenários levitam pelo ar desta sociedade anquilosada. A toxicidade vaga livre, enlousada no interior de ditames e preconceitos conservados em formol. Temos pois, que, encarar a ignominia, a intrusão de legisladores, adiar a convulsão que esperta no empardecer infesto, e ruar o emblema da nossa rebeldia. A par minha caminham todas as mulheres do mundo, as insubmissas, as irredentas, as libertadas dos naufrágios... Abocadas ao bordo do assombro, observamos o silogismo absurdo dum Ministério de Interior (sito no país dos confessionários) que aponta-la no teu pube o crunho da culpabilidade e cria uma listagem de normas para evitar as possíveis agressões:

- No haga auto-stop ni recoja en su coche a desconocidos.
- Por la noche, evite las paradas solitarias de autobuses. Si el autobús no está muy concurrido, procure sentarse cerca del conductor.
- No pasee por descampados ni calles solitarias, sobre todo de noche, ni sola ni acompañada. Si se ve obligada a transitar habitualmente por zonas oscuras y solitarias, procure cambiar su itinerario. En otros países se utilizan silbatos para ahuyentar al delincuente. Considere la posibilidad de adquirir uno...

Incrível! Ao final semelha que a temeridade é a causa fundamental da acometida e o pecado vive em ti, seica és provocadora. E no seu pensamento demarcado polos preconceitos, segues a ser a única culpável do que te aconteça: a impudica, a instigadora do pecado, a rameira. E os homens, todos sem exceção, são delinquentes aos que há que espaventar usando um chifre.

À parte destes, o ministério, distendido, dá-nos os seus melhores e desvariados conselhos para que a tua pessoa fique íntegra e a salvo. Assessora-te da conveniência de principiar uma conversa com ele, a mais adequada, para que o agressor desista do seu empenho.

Só lhes falta dizer que te peches na tua casa com vinte cadeados e não saias baixo nenhum conceito para evadir o ataque dos delinquentes.

Eis pois o epílogo, as cismas delirantes dum Estado proclive à xenofobia que desfigura a realidade e ocasiona o fomento de fobias nos cidadãos.

Vendo esta listagem, há que reconhecer-lhe um toque de comicidade, algo bem estranho, vindo duma instituição que devera ser seria, defensora das cidadãs, e mais eficaz. Mas ao contrario, o que expressa é a intenção de evadir o problema, deixar a mulher em completo desamparo e deixar-lhe muito claro de qual é a sua postura com respeito aos seus direitos: o desleixo absoluto, e dando-lhe umas normas que são o paradigma exato da falocracia.